

ECONOMIA

A queda de qualidade no debate do câmbio

POR GUSTAVO H. B. FRANCO



Gustavo H.B. Franco é economista e professor da PUC-Rio e escreve quinzenalmente em ÉPOCA. Foi presidente do Banco Central do Brasil.
www.gfranco.com.br
gfranco@edglobo.com.br

O problema do câmbio continua a produzir manifestações impensadas, ou excessivamente pensadas. Não sei o que é pior. Vale, nesses casos em que o silêncio se disfarça de inteligência, o conselho de um velho amigo de Brasília: atenção vigilante e discreta omissão. Entre os destaques da semana, na categoria “desabafos minuciosamente calculados”, acha-se o governador José Serra, que chama o governo de “trouxa” por praticar um “desvario cambial” mal explicado pelo “trololó dos economistas”.

O eleitor paulistano pensaria que o governador é advogado ou artista gráfico. O mais atestado identificaria nele um desses “desenvolvimentistas”, que ajudaram o Plano Real quase tanto quanto os economistas do PT, reconhecidos pela prosa parnasiana. O fato é que o governador não se manifestou quando o presidente do BNDES, Luciano Coutinho, declarou recentemente que o Plano Real foi feito pelo PT em 2005.

A declaração foi feita no Clube de Engenharia, ambiente que exerce curiosas influências sobre os economistas que ali vão. Coutinho oferece uma inversão da lenda de Pigmalião, o escultor e rei de Chipre que não queria nada com as moças da ilha, até fazer um arranjo com Afrodite: faria uma “obra-prima”, pela qual se apaixonaria e que, por meio de um beijo seu, se tornaria sua mulher em carne e osso. Coutinho, como outros petistas, e ao contrário do herói da lenda, odiava a moça (a nova moeda) e agora a quer para si. Um caso de apropriação intelectual indébita, nada muito sério. Talvez por isso apenas alguns parlamentares do PSDB e do DEM tenham ido à tribuna desancar nosso Pigmalião redivivo.

Existem economistas para todos os gostos. Para demonstrar a extensão das sutilezas que nos separam, queria contestar meu colega, professor da PUC do Rio de Janeiro, Márcio Garcia, no momentoso tópico do controle de capitais. Digo “momentoso” porque é uma maldade amplamente sussurrada pelos aeroportos – e não apenas o de Brasília –, pois é neles que as pessoas têm passado muito de seu tempo jogando conversa fora. Como a qualidade das conversas diminui com o aumento do número de horas desperdiçadas esperando aviões, as pessoas estão se preocupando com a reintrodução de IOFs sobre as operações de câmbio associadas a entradas de capitais de curto prazo.

Eu e Márcio somos contrários ao IOF. Ele diz, num artigo para o jornal Valor (6 de julho), que o assunto é de “economia positiva”. Frase de efeito, nem sei como interpretar. Talvez o sentido seja que os IOFs são ineficazes em quaisquer circunstâncias. Não é o que a literatura acadêmica diz; parece-me que é o que gostaria de dizer. Não é o que as pesquisas dele e de seus alunos mostram sobre a experiência

brasileira da 1993-1999. Eu e Márcio tivemos uma diatribe acadêmica em um seminário. O leitor interessado poderá ler nossas pesquisas no site do Departamento de Economia da PUC (www.econ.puc-rio.br), na aba

Presas longas horas nos aeroportos, as

"publicações", 2006, textos para discussão 516 e 517).

Ele relaciona mais de uma dúzia de maneiras de enganar

o BC travestindo capitais de motel em outra coisa. Eu

acho tolos todos os disfarces. O mercado é esperto em contornar obstáculos – todavia, isso sempre tem custo, e os números mostram que a coisa funcionou.

**peçoas começam a
discutir bobagens**

O fato de que funcionou no passado – conforme sustento, e ao contrário do que diz meu colega – serve para mostrar, para começar, a preocupante desunião no que os parnasianos chamariam de "o pensamento único". Mais importante é que, tendo ou não funcionado no passado, o problema hoje é diferente. Márcio e eu discordamos sobre a morte da bezerra. Mas concordamos em não recomendar o IOF para a situação de hoje, pois o problema é com o "mega" superávit e com a repressão às importações. Não com os juros, que podem não ser inteiramente irrelevantes para o problema, mas não passam nem perto de ser determinantes.

Fechar